

DF Lixo

Hospitais ficam dois dias com o lixo

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

O lixo hospitalar do Distrito Federal terá que ser exportado. São 60 toneladas de resíduos acumulados em clínicas e hospitais, produzidos nos dois dias de fechamento da usina de tratamento do P-Sul, em Ceilândia. A Qualix, empresa responsável pelo recolhimento e tratamento do lixo, terá de resolver rapidamente o problema.

Hoje, às 9h, a Belacap vai cobrar dos dirigentes uma providência. O mais provável é que os resíduos sejam enviados para cidades que dispõem de incinerador próximas à capital, como Catalão e Anápolis, em Goiás. Outra saída seria exportar o lixo tóxico para aterros sanitários especializados em produtos perigosos, em São Paulo. Segundo a Promotoria de Defesa do Meio Ambiente (Prodema), não existe no DF outra área que pudesse receber o lixo tóxico. O único incinerador — o de Ceilândia — está quebrado.

Mesmo sem local para destinação do lixo, o Instituto Brasileiro de Meio e Ambiente e Recur-

sos Naturais Renováveis (Ibama) manteve a interdição da usina de tratamento do P-Sul, localizada em Área de Proteção Ambiental (APA) do Planalto Central. Técnicos produziram relatório em que descrevem a poluição ambiental no depósito de Ceilândia: "Existe alto risco de contaminação ambiental da encosta íngreme e do vale natural adjacente à usina, sítios classificados como de preservação permanente, através do escoamento de águas pluviais".

Os técnicos observaram que o solo não estava preparado para receber os resíduos. Havia também uma grande quantidade de moscas e odor desagradável. Segundo eles, o lixo não sofreu qualquer processo de desinfecção. Seringas, materiais cirúrgicos e até pedaços de carne humana ficam expostos a céu aberto. A usina funciona desde 1984 sem licenciamento ambiental. O lixo hospitalar é acumulado em uma vala sem impermeabilização adequada. Só uma lona separa o material do chão.

A Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semar) também decidiu apertar o cerco à Qualix. O subsecretário de Meio



USINA DE TRATAMENTO DOS RESÍDUOS CONTINUA INTERDITADA. LIXO HOSPITALAR DEVE IR PARA OUTRO ESTADO

CORREIO BRAZILIENSE

30 SET 2005

Ambiente, Fernando Fonseca, anunciou ontem a suspensão de autorização provisória para que a empresa continuasse operando na usina de Ceilândia, enquanto consertasse o incinerador. "Eles descumpriram determinações que constam na autorização, como o instalação de sistema de drenagem e impermeabilização do solo", explicou.

Ontem à tarde, na sede do Ibama, estiveram reunidos Fernando Fonseca, a promotora de Defesa do Meio Ambiente Marta Eliana de Oliveira, o diretor do Ibama, Francisco Palhares, e o diretor de Operações do Serviço de

Ajardinamento e Limpeza Urbana (Belacap), Expedito Apolinário. Em pauta, a destinação para o lixo. A ordem do Ibama é para que a usina de Ceilândia só seja aberta para manutenção do incinerador. "Não há possibilidade de ser reaberta nas condições atuais", explicou a promotora.

No encontro, ficou decidida a criação de uma campanha voltada para os proprietários de clínicas e hospitais, para que evitem acumular tanto lixo. "Eles têm como compactar e separar por classe", disse Marta Eliana. Dependendo da classificação do resíduo, resolução da Anvisa diz que deverá ser inci-

nerado na hora. Ela marcará reunião na próxima semana para definir as regras de armazenamento do material e tentar reduzir a quantidade de resíduos produzida.

Expedito Apolinário disse que a Belacap cobrará da Qualix a responsabilidade pela destinação do lixo, conforme cláusula do contrato assinado em 2000. "O GDF não terá gastos em nenhuma hipótese", garantiu. O governo local já repassou à empresa R\$ 559 milhões, até o mês passado. Eram previstos R\$ 355 milhões pela coleta e tratamento do lixo por cinco anos. O contrato expira no dia 22 de novembro.